

Explorar a Cidade



de Santa
Apolónia a
Xabregas



Neste explorar a cidade propomos fazer um percurso pela zona de Santa Apolónia até ao Museu do Azulejo, em Xabregas.

Através dos documentos guardados no Arquivo Municipal de Lisboa, vamos viajar do presente ao passado e futuro desta zona da cidade!

O que sabemos sobre esta zona?...

Durante séculos foi o limite oriental da cidade, fazendo ligação com os Olivais, Sacavém e Chelas.

Na zona do largo dos Caminhos de Ferro ficava a Porta da Cruz e o Postigo da Pólvora da muralha da cidade, construída no tempo do rei **D. Fernando** (a cerca fernandina). A Porta da Cruz, segundo **Fernão Lopes**, parece ter servido de posto de fiscalização e de cobrança de direitos e impostos. Em 1775, foi destruída para a estátua do rei **D. José I** poder passar no seu percurso desde a Fundição de Cima, local onde foi fundada, até à praça do Comércio.

D. Manuel I mandou construir as tercenas da Porta da Cruz no local onde hoje se encontra o Museu Militar. Dá-se o nome de tercena a um espaço à beira rio ou perto de um cais para depósito ou armazém de materiais. Afastado do centro da cidade, este espaço era utilizado como armazém de material de guerra, fábrica de pólvora e oficina de fundição de artilharia. As tercenas da Porta da Cruz passaram a ser conhecidas como Fundição de Baixo, a partir de 1716, quando por ordem de **D. João V** foi construída a Fundição de Cima, outra oficina de fundição de artilharia. A 7 de julho de 1726, um incêndio destruiu estas tercenas, que viriam a ruir com o terramoto de 1755 quando estavam em reconstrução, voltando a ser edificadas a partir de 1760.

Esta zona rente ao rio Tejo, onde hoje fica o largo dos Caminhos de Ferro e a avenida Infante D. Henrique, foi aterrada em 1885 e era chamada de praia dos Algarves, local de chegada das mercadorias vindas do sul do país. Aqui ficava também o Cais dos Soldados, precisamente onde hoje é a estação de caminhos de ferro.



A circulação era feita pela rua do Cais dos Soldados, atual rua dos Caminhos de Ferro, seguindo pela rua da Bica do Sapato, zona de algumas fábricas e olarias como a Real Fábrica da Bica do Sapato.

Antes da construção do caminho de ferro, subindo pela calçada de Santa Apolónia até Xabregas, encontrávamos uma zona pobre com casario, hortas e algumas casas apalaçadas que ganha um novo impulso com a construção da linha ferroviária em 1856.

Como dar início a este percurso?

Este percurso começa em Santa Apolónia, no Museu Militar de Lisboa, e termina em Xabregas junto ao Museu Nacional do Azulejo (mas também podes fazer o percurso ao contrário ou saltar alguns pontos que não vão ao encontro dos teus interesses).

À medida que avanças são apresentadas imagens (guardadas no Arquivo Municipal de Lisboa) e informações de alguns locais importantes. Terás que ler a informação para ficares a conhecer melhor a história destes locais, responder a algumas questões e no final colocar no mapa o número de cada imagem no local respetivo. Se quiseres saber mais informação basta clicar nos links que encontrarás facilmente.

Podes ainda enviar-nos para o email **arquivomunicipal.se@cm-lisboa.pt** fotografias do percurso que fizeste ou do local que mais gostaste.

Boas descobertas!



Este é o maior museu militar de Portugal e um dos mais antigos da cidade de Lisboa, propriedade do Exército Português. Inicialmente chamado Museu de Artilharia, começou a ser organizado em 1842 pelo Barão de Monte Pedral com a finalidade de guardar e conservar material bélico. A sua instalação teve lugar na Fundação de Cima, junto do Campo de Santa Clara, passando em 1876 para a Fundação de Baixo no largo dos Caminhos de Ferro.

Erguido em 1760, por ordem do marquês de Pombal, no local das antigas tercenas da Porta da Cruz, contribuíram para a sua construção Fernando de Larre (n. 1689), o tenente-general de Artilharia Fernando de Chegaray e, mais tarde, José Teixeira Lopes (1895-1908), responsável pelo pórtico da fachada a oeste com o grupo escultórico *A Pátria*.

Nos finais do séc. XIX e início do séc. XX, o seu diretor, general José Eduardo Castelo Branco, ordenou a adaptação às funções de museu

de algumas salas deste edifício conhecido na época como Real Arsenal do Exército.

O museu contém uma grande exposição de armas, uniformes, esculturas e documentos militares históricos. A coleção de peças de artilharia em bronze é considerada uma das mais completas a nível mundial.

Possui também uma importante coleção de quadros de pintura portuguesa de finais do séc. XIX e início do séc. XX e um conjunto de painéis de azulejo que representam os factos mais notáveis da história nacional decorridos entre 1139 e 1918.

📍 Estação Marítima de Santa Apolónia



Junto ao local do antigo Cais de Santa Apolónia, o Terminal de Cruzeiros de Lisboa é uma referência na rota internacional de cruzeiros.

Este terminal, que integra a nova Gare Marítima e o Terminal de Cruzeiros de Santa Apolónia, oferece as melhores condições para acolher navios

e passageiros de cruzeiro e coloca Lisboa entre os portos mais bem servidos no turismo de cruzeiro.

O edifício da nova Gare Marítima, da autoria do arquiteto Carrilho da Graça (1952), foi inaugurado no dia 10 de novembro de 2017, tendo vencido o Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura nesse ano, um dos mais importantes prémios de arquitetura em Portugal.



Estação de Santa Apolónia



Quando o caminho de ferro iniciou a circulação em Portugal no dia 29 de outubro de 1856, com o troço de Santa Apolónia ao Carregado, a estação ficava um pouco mais à frente, no convento de Santa Apolónia.

A atual estação construída junto à praia dos Algarves, no Cais dos Solda-

dos, inaugurada a 1 de maio de 1865, no reinado de **D. Luís I**, foi a primeira estação de comboios do país. A construção da estação de Santa Apolónia foi uma das maiores obras no setor dos caminhos de ferro em Portugal, devido às suas grandes dimensões e ao facto de ter sido instalada em terrenos conquistados ao rio Tejo. A sua construção alterou a paisagem urbana da zona, transformando o local que antes era praia deserta numa paisagem ferroviária e operária.



O projeto foi realizado por Angel Arribas Ugarte e a obra foi conduzida pelo engenheiro-diretor, João Evangelista de Abreu, e pelo engenheiro-chefe, Lecrenier. Tinha uma área coberta de 117m de comprimento por 25m de largura, com duas gares distintas - uma de passageiros e outra de mercadorias - salas de espera para 1.^a, 2.^a e 3.^a classe e sala do chefe de estação, tudo em apenas um piso iluminado por 143 candeeiros a gás.

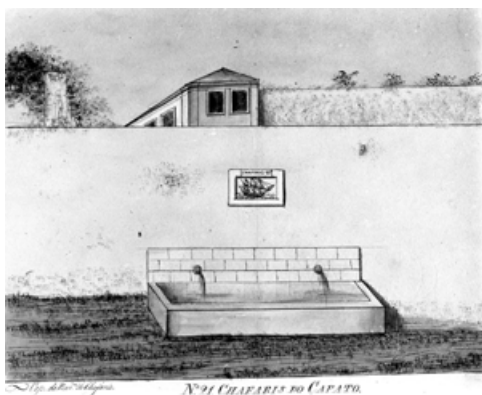
No séc. XX foi acrescentado um andar superior e, simultaneamente, construída a avenida **Infante D. Henrique**. Foram criados parques de estacionamento para automóveis particulares, táxis e paragens de elétricos.

Ao longo de mais de 150 anos esta estação sofreu importantes modernizações e modificações, por ali passaram milhões de passageiros e aconteceram importantes momentos históricos, como a chegada do **General Humberto Delgado** a 16 de maio de 1958 ou a chegada de **Mário Soares** do exílio em França, após a Revolução de 25 de abril de 1974. Nesta última, que ficou conhecida como Comboio da Liberdade, Mário Soares foi recebido como um herói em Santa Apolónia, onde discursou a partir de uma das janelas da estação.

Bica do Sapato e Palacete Mascarenhas



Ao seguir pela rua dos Caminhos de Ferro, do lado esquerdo da estação, chegamos à rua da Bica do Sapato, local onde existiu, pelo menos desde 1674, a Bica do Sapato que abastecia de água os habitantes da localidade. Em 1853 foi substituída pelo chafariz n.º 21 e depois pelo fontanário que vemos na fotografia, também este entretanto removido. Ao cimo do lado esquerdo da imagem, avista-se o Palacete Mascarenhas.



Também conhecido como Palácio do Conde Barão do Alvíto, fica no cimo da rua Cruz de Santa Apolónia e remonta ao séc. XVI. Ao longo do tempo, o palácio foi recebendo obras de restauro e melhoramentos, tendo pertencido

às famílias dos barões de Alvito e Ataíde e Mascarenhas. Segundo **Norberto de Araújo** nas suas *Peregrinações* aqui esteve instalado o Instituto Central de Higiene do professor Dr. Ricardo Jorge, antes de ser transferido para para o Campo de Santana em 1912. Atualmente é sede da Área Metropolitana de Lisboa.



5 > Palácio Veloso-Rebelo Palhares



Mandado construir no início do séc. XVIII por Vasco Lourenço Veloso (1682-1770), administrador geral dos portos secos do reino

e administrador da Real Fábrica das Sedas. Entre 1783 e 1831 viveram neste palácio os marqueses de Penalva e a partir dessa data passou para a propriedade do Estado, instalando-se aqui, em 1891, a Companhia Portuguesa de Tabacos. Atualmente pertence à Guarda Nacional Republicana.

Convento de Santa Apolónia



No local onde existia desde 1552 uma ermida dedicada a Santa Apolónia, D. Isabel da Madre de Deus, religiosa da Ordem Terceira de São Francisco e protegida dos duques de Bragança (**D. João IV** e **D. Luísa de Gusmão**) fundou um pequeno recolhimento de freiras na segunda metade do séc. XVII.

O edifício do convento de Santa Apolónia foi aqui construído antes de 1717, ano em que o Papa Clemente XI o elevou de recolhimento a convento.

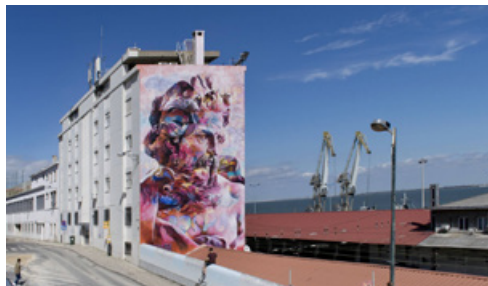
Com o terramoto de 1755 ficou muito danificado e durante a sua reconstrução as freiras ficaram cerca de dois anos no Forte de Santa Apolónia.

Em 1833, devido à guerra entre liberais e absolutistas, o convento foi extinto por ordem de **D. Pedro IV** e as religiosas foram transferidas para o convento de Sant'Ana de Lisboa com quem se fundiram. O convento de Santa Apolónia passou então a ser utilizado como armazém. Foi ainda residência da Real Casa Pia e colégio de aprendizes do Arsenal do Exército.

Em 1852 os edifícios da igreja e do antigo convento, com fachada principal virada a norte e as traseiras para a praia deserta, entretanto ocupada com a via férrea, foram adquiridos pela Companhia Central Peninsular dos Caminhos de Ferro. Ali funcionou durante cerca de 13 anos, até maio de 1865, uma pequena estação de passageiros e mercadorias.

O edifício do antigo convento de Santa Apolónia foi demolido entre 1958 e 1960 e a fachada da igreja foi transferida para a nova igreja de São Marcos, em Arripiado, no concelho da Chamusca, em Santarém.

No seu local foram construídos edifícios de habitação para os funcionários dos Caminhos de Ferro (CP) onde hoje se pode observar o mural de arte urbana *Poseidon de frente para o rio Tejo* dos artistas PichiAvo, realizado em 2018.



Convento dos Barbadinhos e Igreja Paroquial de Santa Engrácia

Os religiosos italianos da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (conhecidos em Portugal como os Barbadinhos Italianos), chegaram a Lisboa em 1651, mas só a partir de 1739 tiveram um espaço construído de raiz. Passaram primeiro pela Casa dos Capuchinhos Franceses, perto da



rua da Esperança, mas devido a alguns conflitos mudaram-se em 1689 para o antigo convento das Comendadeiras de Santos-o-Novo, à Cruz da Pedra, muito perto do local onde o novo convento dos Barbadinhos foi construído, num terreno doado por **D. João V** e inaugurado em 1742.

Esta casa religiosa não foi afetada pelo terramoto de 1 de novembro de 1755 pelo que na sua cerca foram construídos vários abrigos para acolher os desalojados.

A igreja do convento dos Barbadinhos Italianos, também conhecida como

de Nossa Senhora da Porciúncula, foi concluída em 1742. Em resultado das missões desta ordem religiosa em África e no Brasil, o interior da igreja tem talha escura executada em pau-preto e um rico e valioso sacrário com porta forrada a chapa de ouro, também em pau-preto, oferta de **D. João V**.

Depois de extintas as ordens religiosas em 1834 com a vitória do liberalismo, este lugar de culto passou a ser a sede da paróquia de Santa Engrácia. Enquanto a igreja permaneceu inalterada, o edifício conventual, habitado por muitos inquilinos, foi-se degradando e descaraterizando. O terreiro do convento é um agradável local de onde se avista o Tejo.

➤ Já pensaste porque se chamavam Barbadinhos a estes monges?

- ☐ A) Barbeavam-se muito bem
- ☐ B) Todos usavam barba
- ☐ C) Vinham de uma cidade italiana chamada Barba



Museu da Água - Estação Elevatória dos Barbadinhos

Em 1876 foi construído o grande reservatório dos Barbadinhos nos terrenos do convento dos Barbadinhos Italianos. A estação funcionava a vapor para elevar as águas provenientes do rio Alviela para o reservatório da Verónica e para a cisterna do Monte. Esteve em funcionamento entre 3 de outubro de 1880 e 1928, permitindo a expansão da distribuição domiciliária de água na cidade, sobretudo nas zonas mais altas. O **Museu da Água** da EPAL dá os primeiros passos em 1950, na sequência da demolição das caldeiras da antiga estação elevatória a vapor dos Barbadinhos, com a remodelação do edifício e a construção de um primeiro andar nos corpos sul e central.



Aqui podes visitar uma exposição permanente onde se destaca a história da evolução do abastecimento de água à cidade de Lisboa, desde a presença romana até à atualidade.

Palácio Pancas Palha

Começando junto à calçada dos Barbadinhos e continuando pela rua de Santa Apolónia, este palácio do séc. XVII tem dois corpos ladeando um jardim murado de carácter romântico e vai até à travessa do Recolhimento de Lázaro Leitão. Também conhecido por Palácio Van Zeller, a sua história remonta ao reinado de **D. Sebastião**, altura em que Manuel Barreto Quaresma, morto na batalha de Alcácer-Quibir, possuía uma casa neste local. No séc. XVIII a propriedade foi adquirida por D. Luís de Meneses, Senhor de Pancas e de Ponte da Barca, que então efetuou grandes transformações no palácio, em particular no



corpo poente. No séc. XIX todo este conjunto passou para a posse da família Palha e posteriormente para a família Van Zeller. Já no séc. XX foi adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa que efetuou um projeto de adaptação a outras funções da autoria de Frederico George (1915-1994). Desde 2013, aqui funciona a Companhia Olga Roriz fundada em 1995 que ao longo dos anos tem sido uma referência de qualidade profissional e artística no panorama da dança contemporânea portuguesa.

Repara no brasão de pedra da família Palha colocado na esquina do edifício, entre a rua de Santa Apolónia e a travessa do Recolhimento de Lázaro Leitão.

➤ **Sabias que os desenhos dos brasões obedecem a regras específicas e com muita simbologia? Como se chama a área de estudo dedicada aos brasões?**

- ☐ A) Brasonística
- ☐ B) Brasonária
- ☐ C) Heráldica



Palácio dos Copeiros-mores



Do lado oposto da rua de Santa Apolónia fica este palácio que também é conhecido por Palácio do Braço de Prata, Palácio dos Sousa-Menezes ou Palácio de Coimbra. Esta residência da família Sousa Menezes foi construída em finais do séc. XVII e pertenceu a **António de Sousa de Menezes**, que deu origem ao topónimo 'braço de prata'. O **duque da Terceira** (que entre outros títulos também foi copeiro-mor da rainha) recebeu-a por herança e nela residiu, vendendo-a ao negociante João Pedro da Costa Coimbra. Exteriormente, e apesar de algumas intervenções sem grande critério, conserva as linhas estruturais seiscentistas de proporções muito equilibradas. O interior foi bastante alterado pelas obras de adaptação a novas funções, relacionadas com os Caminhos de Ferro Portugueses (CP). Atualmente, aqui funciona a Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT).

Recolhimento de Lázaro Leitão



Neste local houve em tempos uma ermida dedicada a Nossa Senhora do Paraíso. Em 1490, as comendadeiras da Ordem de Santiago foram transferidas de Santos-o-Velho e aqui ficaram até se instalarem no convento de Santos-o-Novo, já no séc. XVII.

Entre 1689 e 1742, como já referimos, estiveram aqui instalados os monges Barbadinhos Italianos até se mudarem para o convento dos Barbadinhos.

Por ação do cônego da Sé Patriarcal de Lisboa, Lázaro Leitão Aranha, em 1747, foi construído este edifício e fundado o reco-

lhimento, com a invocação de Nossa Senhora dos Anjos, destinado a albergar viúvas pobres ainda que, preferencialmente, de ascendência nobre.

Hoje aqui funciona o CRNSA - Centro de Reabilitação Nossa Senhora dos Anjos, uma associação de apoio e informação a cegos e amblíopes (pessoas com baixa visão).

Viaduto de Santa Apolónia



Este viaduto liga a avenida Mouzinho de Albuquerque à avenida **Infante Dom Henrique** e passa sobre as linhas do caminho de ferro (na realidade, são dois viadutos com circulação automóvel regulada por semáforos).

Convento das Comendadeiras de Santos-o-Novo



A existência deste convento está ligada aos santos mártires: **Veríssimo, Máxima e Júlia**, cujas relíquias aqui se encontram depositadas vindas do mosteiro de Santos-o-Velho. As relíquias são partes dos corpos dos santos mártires e vieram para Xabregas no final do séc. XV, à responsabilidade das Comendadeiras da Ordem de Santiago (mulheres, filhas e viúvas dos cavaleiros da Ordem de Santiago da Espada) para um mosteiro construído por ordem do rei **D. João II** no local da ermida dedica-

da a Nossa Senhora do Paraíso (ver número 11 Recolhimento de Lázaro Leitão).

O convento de Santos-o-Novo, construído no início do séc. XVII, durante o reinado de **D. Filipe II**, foi parcialmente destruído pelo terramoto de 1755, sendo depois recuperado.

Após a extinção das ordens religiosas (1834), as Comendadeiras mantiveram-se no local até à Implantação da República (1910), data em que o segundo piso foi ocupado pela Escola Primária Superior de D. António da Costa e, mais tarde, pelo Instituto Sidónio Pais.

Trata-se de um edifício de grande imponência, apesar de não chegar a ser concluído. O claustro é um dos maiores da Península Ibérica, com planta quadrada e desenvolve-se em galerias de arcos de volta perfeita, albergando as capelas do Senhor dos Passos e da Encarnação. A decoração da igreja integra talha dourada, mármore colorido e painéis de azulejos, destacando-se os que revestem as paredes que narram os passos da vida dos santos mártires.

Na cerca deste convento foi construída, em 1956, a Escola Secundária Patrício Prazeres.



Palácio Conde da Feira ou Conde Forjaz

A mais antiga referência à propriedade da Quinta da Cruz da Pedra data de 1606, sendo a mesma pertença e residência de D. Álvaro Pereira. Em 1719, D. Álvaro Pereira Forjaz Coutinho reside na Quinta da Cruz da Pedra, mas a partir de 1725 raramente a família aqui reside, arrendando-a a diversas pessoas ao longo dos tempos.



Em 1956 foi instalado no edifício a Casa Mãe das Raparigas da Cidade, local que recolhia raparigas pobres e abandonadas dando-lhes abrigo e instrução. Atualmente foi adaptado para um edifício residencial onde vivem várias famílias.

Nesta imagem ao fundo do lado esquerdo ainda se vê o Palácio de Manique que foi demolido para nos anos 50 do séc. XX se construir a Escola Básica do 1.º ciclo e Jardim de Infância Professor Oliveira Marques (antiga escola n.º 15). O Palácio e Quinta de Manique em meados do séc. XIX pertenceu ao 1.º visconde de Manique, Pedro António de Pina Manique, que deu o nome ao local e era filho do célebre **Diogo Inácio de Pina Manique**. Seguiram-se, porém, outros proprietários que a terão vendido à firma George & H. Hall em 1898, dando origem ao nome popular de Quinta dos Pirolitos, durante as décadas de 40 e 50 do séc. XX, quando ali funcionava a Fábrica Hall que se dedicava à produção de saborosas limonadas naturais gaseificadas e ao famoso refresco Pirolito, tão apreciado na época.

Forte ou Baluarte de Santa Apolónia



Insere-se numa linha de defesa da orla ribeirinha, com início na foz da ribeira de Alcântara e término na Cruz da Pedra, mandada edificar entre 1652 e 1668, no reinado de **D. João IV**, no auge do esforço militar pela consolidação da independência. O Forte de Santa Apolónia ficava situado na Quinta do Manique e tinha como função a defesa da parte oriental da cidade. Esta estrutura defensiva, de forma pentagonal, tinha as frentes de fogo voltadas para Este e Oeste. Da planta primitiva subsistem, ainda, a muralha da face direita, de alvenaria com cunhais de cantaria de calcário, bem como as bases de duas guaritas e dois portões seiscentistas, mandados construir pelo visconde de Manique.

Porta da Cruz da Pedra

Desconhece-se onde ficava a cruz de pedra que deu nome a este local, mas talvez ficasse na confluência da rua da Madre de Deus, da calçada da Cruz de Pedra e da estrada da Circunvalação (atual rua Nelson de



Barros), onde havia uma das portas da cidade. Em 1852, a estrada de Circunvalação delimitava numa linha contínua e bem definida os limites de Lisboa. Macadamizada (estrada de brita e saibro recalçada com um cilindro) e acompanhada por muro de vedação, cercava a cidade de Lisboa desde Alcântara até à Cruz da Pedra ou Santa Apolónia, onde terminava com uma porta e barreira ou posto fiscal.

Era, pois, nesta rua que o trânsito entrava em Lisboa pelo lado oriental.

A imagem mostra o que resta da casa dos Guardas de Barreiras da cidade, construída em meados do séc. XIX. Estes guardas eram os agentes que se encontravam em zonas estratégicas no limite da cidade

e tinham como missão controlar a entrada de mercadorias, algumas das quais eram sujeitas ao pagamento de imposto.

Neste local aproximadamente também existiu o Arco da Cruz da Pedra que atravessava a calçada, mandado retirar pela Câmara Municipal de Lisboa ao visconde de Manique, em 1837, por dificultar a circulação do trânsito.

Centro de Educação e Desenvolvimento **D. Maria Pia da Casa Pia de Lisboa ou Palácio dos Marqueses de Nisa**



A construção deste palácio, onde trabalhou João de Ruão, remonta ao séc. XVI, por ordem do rei **D. João III**. Já no séc. XVII, foi doado à condessa de Unhão, cuja família se uniu posteriormente aos marqueses de Nisa, que deram o nome ao palácio.

Na segunda metade do séc. XIX, o palácio muda de posse, deixando de pertencer ao último marquês de Nisa, D. Domingos da Gama.



No ano de 1867, passa para a posse do Estado e aqui é instalado o asilo D. Maria Pia. Neste mesmo ano, são feitas obras de reparação e adaptação. Sofre, entretanto, um incêndio, voltando a ser reedificado. Em 1871, determinam-se novas obras de restauro sob a orientação do arquiteto José Maria Nepomuceno. As alterações interiores descaracterizaram-no significativamente. Permanecem, contudo, pormenores como revestimentos em azulejo.

Igreja e Convento da Madre de Deus e Museu Nacional do Azulejo



Fundado em 1509 pela rainha **D. Leonor**, num terreno por si comprado em Xabregas, o convento para clarissas foi banhado pelo rio Tejo até ao séc. XIX.

Ao longo dos tempos foi sofrendo várias campanhas de obras, nomeadamente após o terramoto de 1755, razão pela qual o edifício engloba um conjunto de estilos de épocas diferentes: mudéjar (teto da capela de D. Leonor); manuelino (piso térreo do claustinho e torre sineira); maneirista (estrutura da igreja e claustro de **Diogo de Torralva**); barroco (decoração da igreja); e revivalista (portal, segundo piso do claustinho e duas salas).

Na sua fachada muito simples, destaca-se o portal neomanuelino colocado no séc. XIX, de acesso lateral à igreja, a qual está classificada como Monumento Nacional. O interior da igreja é revestido a azulejos do séc. XVIII que narram a vida de São Francisco. Neste edifício funciona, desde 1965, o Museu Nacional do Azulejo que possui uma coleção de azulejos portugueses, espanhóis e holandeses do séc. XV à atualidade.

➤ **Ao fundo da rua existe o viaduto de Xabregas construído em 1854. O que será que passa por cima dele?**

Assinala a resposta correta:

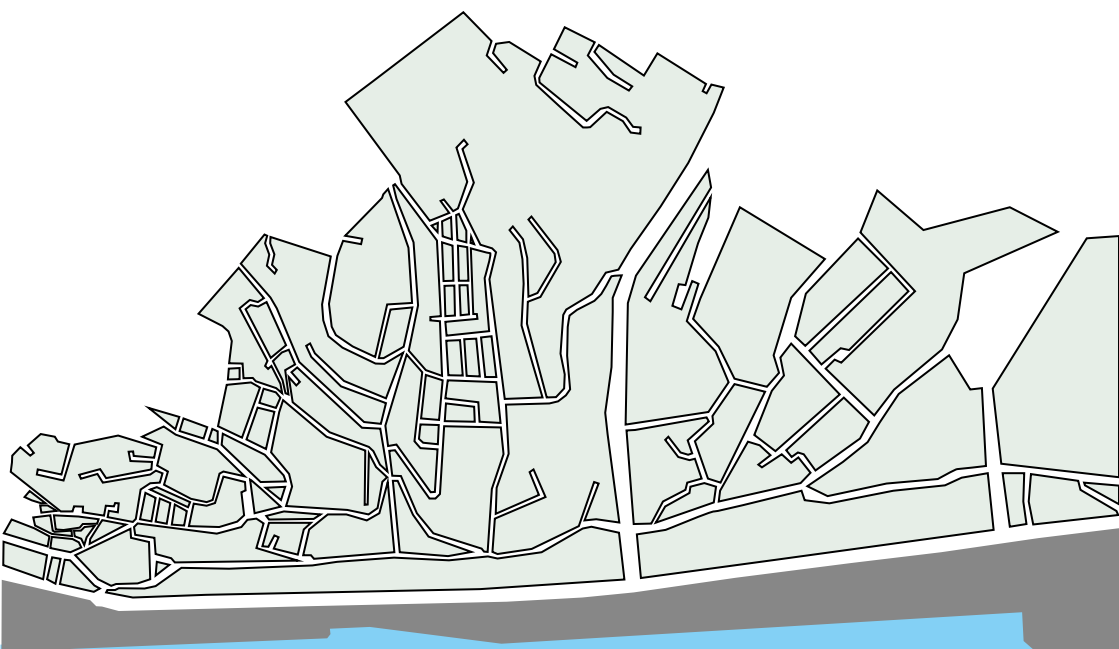
- ☐ A) – Barcos
- ☐ B) – Carros
- ☐ C) – Pessoas
- ☐ D) – Comboios



E agora que terminaste, numera as imagens e faz a correspondência entre a legenda e o mapa.

- 1 - Museu Militar de Lisboa
- 2 - Estação Marítima de Santa Apolónia
- 3 - Estação de Santa Apolónia
- 4 - Bica do Sapato e Palacete Mascarenhas
- 5 - Palácio Veloso-Rebello Palhares
- 6 - Convento de Santa Apolónia
- 7 - Convento dos Barbadinhos e Igreja Paroquial de Santa Engrácia
- 8 - Museu da Água - Estação Elevatória dos Barbadinhos
- 9 - Palácio Pancas Palha
- 10 - Palácio dos Copeiros-mores
- 11 - Recolhimento de Lázaro Leitão
- 12 - Viaduto de Santa Apolónia
- 13 - Convento das Comendadeiras de Santos-o-Novo
- 14 - Palácio Conde da Feira ou Conde Forjaz
- 15 - Forte ou Baluarte de Santa Apolónia
- 16 - Porta da Cruz da Pedra
- 17 - Centro de Educação e Desenvolvimento D. Maria Pia da Casa Pia de Lisboa ou Palácio dos Marqueses de Nisa
- 18 - Igreja e Convento da Madre de Deus e Museu Nacional do Azulejo





Bibliografia:

<https://aprenderumacoisanovapordia.blogs.sapo.pt/estacao-de-santa-apolonia-43006>

consultado em 14-12-2020

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3142

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11511

consultado 28 de janeiro 2021

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73460>

consultado 28 de janeiro 2020

<https://www.olgaroriz.com/pages/companhia/>

consultado 28 de janeiro 2021

<https://www.epal.pt/EPAL/menu/museu-da-%C3%A1gua/apresenta%C3%A7%C3%A3o/hist%C3%B3ria>

consultado 8 de fevereiro 2021

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73567>

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74573>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_de_Nossa_Senhora_da_Porci%C3%B3cula

<https://www.portodelisboa.pt/terminal-de-cruzeiros-de-santa-apolonia>

consultado em 14-12-2020

Palácio Pereira Forjaz ou da Cruz da Pedra

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=11081

consultado em 14-12-2020

Palácio Manique (hoje é a escola)

<https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/08/calçada-da-cruz-da-pedra-palacete.html>

<http://www.jf-penhafranca.pt/index.php/>

<https://aps-ruasdelisboacomhstria.blogspot.com/2009/03/calçada-da-cruz-da-pedra-i.html>

<http://www.arquivomuseugn.pt/entrada.aspx?IDMenu=999999&P=Guarda%20Barreiras&Titulo=Guarda%20Barreiras&IdiomaActual=PT>

<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=632>

<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=668>

<https://toponimialisboa.wordpress.com/2018/09/25/a-calçada-da-ermida-e-convento-de-santa-apolonia/>

Soluções:

Pág.14: B) Todos usavam barba. Os religiosos italianos da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, que faziam missão em Angola, chegaram a Lisboa em 1641 e porque todos usavam barba ficaram assim conhecidos. Pág.17: C) Heráldica. Ciência que estuda os brasões de armas e escudos surgiu na Europa a partir do século XII. Pág. 27: D) Comboios.

